

# A poética inovadora de Alice Ruiz: a poesia sob uma nova perspectiva

Yasmin Nicole Lopes da Trindade<sup>1</sup>

**RESUMO:** No Brasil dos anos 70, em meio à repressão da ditadura militar, a *literatura marginal* surge como um escape para os escritores expressarem seus anseios e ideais, que continuamente eram reprimidos pelo estado, muitos artistas se destacaram através de movimentos como a contracultura, o feminismo, o tropicalismo e o concretismo. Nesse contexto insere-se Alice Ruiz, nascida em 1946, conviveu com a vanguarda modernista e com movimentos totalmente novos que pairavam sob a literatura brasileira da época, sendo assim, foi diretamente influenciada por eles. Sua poesia simples, direta, feminina e ousada passa então a ter uma visibilidade e uma importância imensurável, ainda mais nos dias de hoje, onde questões polêmicas são debatidas a todo o instante, questões essas já abordadas por Alice na década de 60, como por exemplo o feminismo. Quebrando paradoxos, a poeta passa a ganhar uma intensa notoriedade, por conseguir empregar temas polêmicos e diferenciados à uma lírica precisa e inovadora.

**Palavras-chave:** contracultura; Alice Ruiz; feminismo; literatura marginal.

**ABSTRACT:** In Brazil 70s amid repression of the dictatorship, the marginal literature emerges as an outlet for writers to express their aspirations and ideals that were continually repressed by the state. Many artists have excelled through movements such as the counterculture, feminism, tropicalism and concreteness. Alice Ruiz belongs to this context. Born in 1946, lived with the modernist avant-garde, where entirely new movements hovered under Brazilian literature of the time, thus, it was directly influenced by them. Her simple, direct, feminine and audacious poetry then goes on to have a visibility and immeasurably important, even today, where controversial issues are discussed at every moment, questions those already addressed by Alice in the 60s, for example the feminism. Breaking paradoxes, the poet goes on to win a strong reputation for getting employ recurrent themes to a lyrical precise and differentiated.

**Keywords:** counterculture; Alice Ruiz; feminism; marginal literature.

- Alice Ruiz,

A  
L  
I  
C

E WHO IS? Alice Ruiz Scherone

Faz-se necessário saber sobre quem se fala este artigo, primeiramente para termos o conhecimento de quem está por trás de toda essa rica produção da qual será falada posteriormente, e também para conseguir criar um contexto completo em torno da poeta Alice Ruiz e sua contribuição para a literatura brasileira. “Alice Who is” (brincadeira adotada pela escritora em algumas assinaturas, uma onomatopéia com seu sobrenome), é poeta, escritora, haicaista e compositora. Nasceu em Curitiba (PR), em 22 de janeiro de 1946. Seu pendor para a escrita apareceu cedo, com nove anos de idade

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade de Brasília.

começou a escrever contos, e versos aos dezesseis, tudo aconteceu de forma involuntária, sem ter consciência de que ela poderia vir a ser escritora ou poeta, não era algo intencional, mas sim uma necessidade, algo que ela sentia ser inato. Na adolescência tinha o hábito de traduzir músicas em inglês das quais gostava, já estava treinando a letrista sem saber. Quando criança, gostava muito de observar a natureza, e fazia anotações sobre este tema em textinhos curtos, mas não identificava aquilo como poesia, pois a poesia que ela conhecia era longa, com sonetos, regras, algo com uma estrutura fixa, fechada, mas só mais tarde foi descobrir que aquilo tinha a ver com o haikai, estava também treinando a haicaista que viria a se tornar.

Em entrevista dada à Ana Carolina Murgel, concedida em São Paulo, no dia 18 de junho de 2003, Alice recorda da primeira noção de beleza que chamou sua atenção quando criança: uma mancha de óleo numa poça d'água em um posto de gasolina. Ela percebeu que nesta mancha se via um arco-íris, e aquilo a encantou, permanecendo na memória da poeta até hoje. Para ela, ali foi o momento em que escolheu a arte e as palavras para a vida. Seus pais se separaram quando ela tinha apenas sete anos, após ter morado dois anos com sua mãe em São Paulo, Alice volta para Curitiba e passa a morar com sua tia, Francisca Ruiz, que a criou dos nove aos dezoito anos.

A relação de Alice com a tia se mostrou bastante curiosa, principalmente com relação ao processo criativo. Alice desde cedo sentia a necessidade de exprimir sentimentos e pensamentos através de poemas, mas se deparou com uma tia que não a estimulava, talvez por medo da sobrinha ter o mesmo destino que seu marido Percy Wendler, que foi pintor e poeta, mas acabou falecendo por consequência de uma cirrose hepática. Por esse motivo, a tia possuía apenas uma Bíblia para leitura da casa, não existia mais nenhum livro em sua moradia, porém, mesmo sem inspirações e incentivo, a artista dentro de Alice falou mais alto, criou seu primeiro conto denominado de “O homem cinzento”, porém, sua tia picou todo o conto em pedaços – o medo de que a menina tivesse uma vida desregrada como a de seu marido fez com que ela tivesse a atitude de podar todo o processo criativo de Alice, vários poemas, contos e desenhos foram jogados fora, mas Alice reconhece que esse foi um ato de amor e cuidado da tia com ela, mesmo que de uma maneira “agressiva”. Para Alice, também há a hipótese de que a tia fazia uma ligação entre ela e o tio Percy por eles terem nascido no mesmo dia (22 de janeiro) e por terem interesses em comum:

[...] quando eu comecei a escrever – não sei se é porque nós éramos do mesmo dia – ela começou a minar isso: “Não quero que você seja como o Percy, termina mal! Na vida a gente tem que ser prático...” Então ela começou a jogar fora poemas meus, desenhos. Ela não queria de jeito nenhum que eu fosse pra esse lado. Claro que foi por amor, mas eu lembro que esse conto ela jogou fora. Ela rasgou furiosa, falou que era uma besteira “você está escrevendo sobre coisas que você não conhece, você não nasceu pra fazer isso...” Ela foi bem radical. Foi aí que eu comecei os poemas, eu não parei. Mas eu escondia, comecei a esconder dela. Foi a primeira mentira, porque eu não... Aletheia, eu não podia mentir, tinha horror à mentira. Mas eu acho que foi a primeira vez...<sup>2</sup>

Apesar de todo esse contexto conservador em que estava inserida, Alice lembra que não conseguia parar de escrever, mas por sua tia proibir essas produções, ela passou a esconder seus poemas. A necessidade, a vontade e o fascínio pela escrita eram imensuráveis. Alice acha que a associação com o tio, e a censura da família, foram fatores que contribuíram bastante para que essa vontade aumentasse cada vez mais, como se fosse um combustível, algo que a instigava a ir contra o que estava sendo imposto, esse tabu gerado pela família a deixou ainda mais fascinada pela escrita. Alice

---

<sup>2</sup> Alice Ruiz em entrevista concedida à Ana Carolina Murgel em São Paulo, em 18 de junho de 2003.

cita o poeta, escritor e dramaturgo francês Jean Genet como exemplo de sua história, ele dizia que por ter sido taxado de “ladrão” pelo pai adotivo, logo cedo soube o que era ser ladrão. No caso de Alice, logo cedo soube o que era ser poeta:

É engraçado, mas eu desconfio que foi essa... virou um fascínio, esse tabu gerou um fascínio [...] Jean Genet já falou que quando ele era criança e o chamaram de ladrão, foi aí que ele soube o que era. Então no fundo, no fundo, eu devo à minha tia o fato de eu ser poeta, porque ela me associou diretamente à poesia.<sup>3</sup>

24 de agosto de 1968, além de ser a data em que Paulo Leminski fazia aniversário, foi uma data marcante para Alice, pois foi quando encontrou pela primeira vez com o amor de sua vida, neste dia Alice foi levada por amigas no aniversário de 24 anos de Paulo. Alice Ruiz e Paulo Leminski, dois poetas que desde o primeiro contato sentiram uma enorme aproximação e afinidade, verdadeiro amor à primeira vista. Esse encontro de dois grandes escritores gerou mais de vinte anos de histórias, obras, parcerias, além de terem tido três filhos, Miguel Ângelo Leminski (que faleceu aos dez anos, vítima de um linfoma), Áurea Alice Leminski e Estrela Ruiz Leminski. Neste trecho do poema “Coisa Tua” de Alice Ruiz, conseguimos entender tal sentimento: “*assim que vi você/ logo vi que ia dar coisa/ coisa feita pra durar/ batendo duro no peito/ até eu acabar virando/ alguma coisa/ parecida com você*”. (RUIZ, Alice. *Pelos Pelos*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 19).

Paulo Leminski foi o primeiro a ter acesso às obras de Alice, ela sentiu confiança para mostrar seus poemas e escritos à ele quando já tinha vinte e dois anos. Foi ele quem descobriu que a poeta já escrevia haicais, até então Alice não conhecia esse termo, ela os escrevia desde criança de forma espontânea, mas só passou a conhecer e estudar os haicais depois de adulta. Ela ficou fascinada com essa forma poética japonesa, então, a partir daí passou a estudar com profundidade e se aprimorar nesse tipo de poesia, já traduziu vários livros de autoras e autores japoneses ao longo de sua carreira.

Hoje, já se passaram vinte e sete anos do falecimento de Paulo Leminski, mas a ligação do nome de Alice Ruiz com Leminski é constante, ela reconhece isso, sabe que é inevitável essa eterna associação. Em entrevistas, reportagens, conversas ou outras abordagens, o tempo em que viveu com o poeta é sempre colocado em pauta. Em uma entrevista concedida à Rachel Martins, do Jornal A Gazeta no ano de 2007, Alice desabafa sobre essa constante correlação:

Inevitável. Dois poetas, apaixonados pela poesia e um pelo outro, convivendo por 20 anos, três filhos, vários livros, não há como não associar. Doloroso, porque o desafio de seguir em frente se torna mais difícil quando você é lembrado o tempo todo do seu luto. E didático. Ainda estou aprendendo (e ensinando) a separar o que é público do que é pessoal.

Alice assume sua dificuldade em ter que lidar com essa questão, de sempre ser lembrada como viúva de Leminski, ressalta que tudo que poderia falar sobre essa relação está publicado na biografia *Paulo Leminski: o bandido que sabia latim*, escrita pelo amigo Toninho Vaz, publicada em 2001. Em 2013 foi publicado o livro *Toda poesia* (Companhia das Letras), onde encontramos toda a obra poética de Paulo Leminski, livro este que foi um verdadeiro sucesso em vendas, chegou até a desbancar no Brasil o considerado *Best seller 50 tons de cinza*.

A música também sempre esteve presente na vida de Alice, ela compõe letras desde os vinte e seis anos. Em 1972 a poeta integra o grupo musical *A Chave*, onde

---

<sup>3</sup> Alice Ruiz em entrevista concedida à Ana Carolina Murgel em São Paulo, em 18 de janeiro de 2005.

inicia de fato a carreira de letrista da MPB. Em seu livro *Poesia pra tocar no rádio (Blocos/1999)*, a poeta assume que sonhava em ser cantora, mas não tinha muito dom pra tal profissão, não tinha afinação e nem fôlego, porém podemos afirmar, ao ter acesso a algumas músicas que fez em parcerias com grandes cantores, que Alice fez um excelente trabalho com declamações (como na música *Milágrimas*) e também como *backing vocal*, ela mesma reitera isso em algumas entrevistas. Neste mesmo livro podemos encontrar algumas letras de canções gravadas por diversos artistas como Itamar Assumpção e Waltel Branco. A musicalidade é uma característica da poesia de Alice Ruiz, várias de suas obras tornaram-se letra de música nas composições de Itamar Assumpção (parceiro musical mais marcante para Alice), como o poema *Navalhanaliga*. Alice já teve suas canções gravadas por nomes como Ney Matogrosso, Gal Costa, Zeca Baleiro e Alzira Espíndola (com quem lançou seu primeiro CD, *“Paralelas”* pela Duncan Discos, com participações de Zélia Duncan e Arnaldo Antunes). Em entrevista dada ao canal do Itaú Personnalité no dia 29/08/2013, Alice comenta sobre seus diversos poemas já musicados e relata a diferença de se produzir uma letra e um poema. A poeta os considera bastante distintos, a letra de música necessita de rima, de uma métrica rígida, repetitiva, de uma coloquialidade, de uma diretividade, letra de música tem que seduzir o ouvinte, tem que tocá-lo no primeiro verso, senão vira só um som. Já o poema não há essa necessidade de seguir padrões, no papel o leitor tem todo o tempo para ler e reler, e se houver alguma complicação no texto, o leitor desvenda com o tempo, na música não há esse tempo para reflexão, a mensagem tem de ser transmitida e entendida rapidamente. A única parceria musical que Alice Ruiz e Paulo Leminski possuem é a canção *“Nóis fumo”*, que foi registrada em disco apenas no ano de 2004, apesar de ter sido escrita quando Alice tinha 26 anos, em 1972.

Podemos identificar algumas características da contracultura em tal letra: o baseado, o duplo sentido em *“Nóis fumo”*, caipira fumando cigarro de palha ou indo à algum lugar. Essa expressão equivale a *“Nós fomos”*, verbo IR conjugado na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, porém os poetas decidiram fazer um jogo de palavras, relacionando à forma coloquial com que os caipiras usam a língua, diferente da forma padrão, remetendo à vida simples que os caipiras levam, mas também fizeram uma brincadeira ao darem duplo sentido à expressão, usando agora o verbo FUMAR na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, *“Nós fumamos”*.

#### **Nóis fumo**

(Música e Letra de Alice Ruiz e Paulo Leminski)

Nóis fumo cantá numa festa  
na festa dum batizado  
o anjo não tinha nascido  
só tinha bebida  
eu não tinha jantado

então fumo cantá noutra festa  
na festa d'aniversário  
o vento soprava as velinha  
e o dono da festa  
já tava apagado

então fumo cantá noutra festa  
na festa d'um casamento  
os noivo já tinha treis filho  
e o mais crescidinho  
já era sargento

então fumo acabá num velório  
dum cara chamado Gregório  
o morto não tava bem duro  
e o vivo do padre  
cantava a comadre<sup>4</sup>

Logo após Áurea ter nascido, Alice se deu conta de que a filha teria a mãe como referência, não importaria seus discursos, mas sim o exemplo que desse à criança. Coisas que a poeta considerava revoltas dentro dela tinham um nome, era a questão da mulher no mundo, e o fato de ter uma filha mostrou isso para ela, a partir daí essa questão se tornou uma urgência. Alice Ruiz já tinha muitos questionamentos, preocupações e divagações a respeito do feminismo, mas ao ter tido uma filha do sexo feminino, sua visão de mundo ficou ainda mais complexa e ela se sentiu impulsionada a pensar e a escrever mais sobre o assunto. A poeta diz que foi contida por ter publicado muito tarde, comparada a outros artistas, só aos vinte e seis anos Alice publicou pela primeira vez seus poemas em revistas e jornais culturais, além de editar revistas, fazer textos publicitários e roteiros de histórias em quadrinhos. Essas primeiras obras foram publicadas simultaneamente a ensaios que ela escrevia sobre a condição da mulher na sociedade. No início dos anos 70 ela escreveu, antes de lançar seu primeiro livro *Navalhanaliga*, publicado em 1980, vários textos feministas, e também continuava produzindo poesias. Ana Carolina Murgel, em sua tese de doutorado, relata inúmeros encontros e entrevistas feitas com Alice Ruiz, referente à este assunto Murgel conclui que: *“Quando conversamos pela primeira vez, há sete anos, ela achava que sua atuação feminista estava no passado. Hoje percebe que o feminismo sempre esteve presente, no seu fazer poético, nas suas relações.”* (MURGEL, 2010). Seu nome artístico também é um posicionamento feminista, o sobrenome Ruiz veio de sua mãe, ela acha uma enorme injustiça a mulher ter o filho, educar, alimentar e tomar praticamente todos os cuidados iniciais e o nome principal no registro ser o do pai. Vale ressaltar Alice se considera sim, feminista, filha da contracultura e poeta. Alice denomina a mulher que produz poesia como “poeta” e não poetiza, como está registrado na norma padrão, e diz que se isso incomoda aos lingüistas, eles que troquem o nome do ofício dos homens que escrevem poemas para “poeto”. Para ela esta palavra deveria ser como a palavra “artista”, sem marcação de gênero. Em várias entrevistas Alice retoma esse assunto, e reitera sua opinião, para ela, passar a palavra “poeta” para o feminino, “poetiza”, é errado porque a palavra perde imponência, a sonoridade dá uma suavidade que a palavra no masculino não possui, faz parecer que o poeta fala de coisas realmente importantes e a poetiza fala apenas de amenidades.

Décio Pignatari foi o responsável pela primeira publicação de Alice, ele ia freqüentemente para Curitiba dar palestras, e numa dessas idas ele selecionou e pediu cópias de vários poemas de Alice, a finalidade seria dar aulas sobre eles, ela ficou entusiasmada com a situação. Leminski já elogiava suas criações poéticas, mas por ser seu marido, ela não sabia identificar se o elogio era real ou se estava influenciado por sentimentos, porém quando Décio elogiou seus trabalhos, foi uma confirmação de que estava no caminho certo.

Alice já publicou mais de vinte e um livros entre poesias, traduções e uma história infantil, alguns de seus poemas foram publicados somente em 1984, quando lançou o livro *Pelos Pêlos* (Editora Brasiliense). Já recebeu vários prêmios, dentre eles o Prêmio Jabuti de Poesia, maior prêmio da literatura brasileira, uma vez pelo livro *Vice*

---

<sup>4</sup> “Nóis fumo” (Alice Ruiz e Paulo Leminski). Gravação de Mário Gallera no CD *Fazia poesia* (Independente/2004).

*Versos*, em 1989, pela segunda vez em 2009 pelo livro *Dois em Um*. Tem poemas traduzidos e publicados em antologias nos Estados Unidos, Bélgica, México, Argentina, Espanha e Irlanda. O livro *Dz Haiku: Chine-jo, Chiyo-Ni, Shisei-Jo, Shokyi-Ni e Shofu-Ni* foi seu primeiro trabalho de tradução de haicais, lançado em 1981. Os haicais são imagens poéticas em três versos curtos com 17 sílabas, divididas em cinco no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro, escritos sempre em três linhas, cada verso tendo sua função. O melhor haikai é aquele que contém no primeiro verso uma situação, no segundo verso algo acontece e no terceiro verso a manifestação disso. No haikai a autora afirma que você tem que se excluir, para fazer esse tipo de criação tem que ter ausência do *eu*, o autor coloca sua sensibilidade, mas não se coloca explicitamente, ele fala menos do seu *eu* e mais da natureza. A autora diz que é muito difícil o ato da tradução, pois a tradução nunca será idêntica à sua obra original, para ela o tradutor tem que ser poeta para conseguir traduzir bem, pois a sensibilidade e a empatia são mais latentes. A tradução de haicais se torna ainda mais difícil porque a escrita japonesa é muito diferente da nossa, a língua oriental é simbólico concreto, é mais estrutural, organizada em ideogramas, que dão estilizações do objeto a que se referem, para escrever sobre coisas, sentimentos, abstrações e subjetividades é necessário juntar vários ideogramas de coisas concretas para atingir a palavra pretendida, pois não existem ideogramas sobre sentimentos, por exemplo. Além de traduzi-los, Alice também dá oficinas de haicais, onde ela aborda a parte técnica, a estrutura, regras, e pela aproximação do *zen*, ajuda os participantes das oficinas a entrarem num estágio favorável para a produção do haikai.

Para Alice, a poesia provoca uma mudança em nós, transforma o ser em um instrumento que transmite algo. Então se faz necessário um trabalho interior, para procurar dentro de você o que é universal, o que interessa a um maior número de pessoas, para assim conseguir causar no leitor um sentimento de empatia, de cumplicidade e satisfação. Alice afirma que fazer poesia é sim um ofício que ela escolheu para a vida, mas também é, às vezes, como respirar.

### **- O lirismo da criação estética desviada**

Para melhor entender o contexto histórico no qual Alice Ruiz estava inserida, no momento em que produziu a maior parte de suas obras, é interessante perceber inicialmente o papel da *literatura marginal* dos anos 70, sendo esta a forma que os escritores encontraram para se expressar diante das repressões da ditadura militar. O movimento feminista, a contracultura, o concretismo, firmado pelos vanguardistas, o tropicalismo, e suas influências no cenário nacional artístico, foram movimentos que nasceram nesse contexto, logo, foram de extrema importância para a influência na criação estética de uma geração de poetas brasileiros e, de alguma forma, contribuíram no encorajamento de uma parte significativa da população, que criticava o governo através do sistema cultural. Alice Ruiz vem de uma geração que conviveu com a vanguarda modernista, e com esses movimentos totalmente novos que pairavam sob a literatura brasileira da época.

A música popular, o zen-budismo, a linguagem publicitária, a história em quadrinhos, a pluralidade sexual e também, os temas do feminismo, além de presentes nas obras de Ruiz, estão presentes também em inúmeras obras de poetas que atuavam naquela época, tais como:

Polonaises, de Leminski;  
Zil, de Duda Machado;  
Memórias de um puteiro, de Glauco Mattoso.

Ativa por uma turma de artistas e intelectuais de classe média, com vasto acesso à cultura letrada, mas sem possuir recursos financeiros para promover uma mudança estética nos padrões modernistas, a *literatura marginal* dos anos 70 se diferenciava da cultura e do sistema social predominantes naquela época. O movimento não frisava exatamente a mudança dos moldes estéticos, mas sim uma reforma nos inerentes atos culturais e nas formas de gerar a cultura, livre de princípios sérios e cultos, uma atitude que desafiava os alinhos do sistema. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda:

A recusa das “formas sérias do conhecimento” passa a configurar um traço importante e crítico de uma experiência de descrença em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude antiintelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo. (HOLLANDA, 2004, p. 111-112).

Além dos novos padrões de representar o mundo, que frisavam o estilo livre da linguagem e das definições textualmente instaladas, existe ainda, por parte dos “marginais” dos anos 70, a inserção de um comportamento e de uma postura bem crítica quanto à ordem econômica e social, que também compõe um modo alternativo de exibição do artista.

Extrapolando procedimentos literários, os indivíduos assumem outro papel no cotidiano, vivendo uma nova situação, uma experiência grupal e afetiva que revela modos diferentes de viver e de perceber a relação com a arte e a cultura. Assim a marginalidade desse grupo não é apenas literária, mas revela-se como uma marginalidade vivida e sentida de maneira imediata frente à ordem do cotidiano (HOLLANDA, 2004, p. 113)

Nota-se que o significado de “marginal” parte de um modo de escrita para um modo de vida, os poetas que viveram nesta época e que se consideravam marginais, eram qualificados como alternativos, indiferentes às maneiras de comportamento socialmente “adequadas”. Nessa colocação de Hollanda, quanto à marginalidade como modo de vida, pode-se perceber, ao conhecer a história de Alice Ruiz, que a poeta esteve totalmente inclusa nesse movimento, pois vive e escreve de forma livre, afasta-se de moldes impostos pela sociedade.

A contracultura, vanguarda estética que teve seu ápice na década de 70, representou o desvio para um inovador “modelo” artístico-intelectual, pode ser definida como manifestação esteticopsicossocial (RISÉRIO, 1990). Isso influenciou Alice de modo que não havia mais motivos para pensar em sua poesia como simples escrita, mas sim em um estilo de vida, reforçado no dia-a-dia da poeta. Ou seja, o significado de desvio ultrapassa a esfera de criação de obras, ou pensamentos, e se estabelece no cotidiano dos escritores. Neste movimento não se deve pensar em criar vertentes que separem a poesia pelo sexo do escritor (poesia de homem ou poesia de mulher) e sim em poesia que se esquia do sentido dado inicialmente, e que recria seu vértice de imagens condensadas. O movimento da contracultura era composto por elementos de natureza econômica, psicofísica, industrial, política, ecológica e estética. Para Alice, o ingresso nos anos 70, mudou sua maneira de pensar, a partir daí as coisas começaram a fazer sentido para ela:

[...] a coisa da contracultura pra mim foi fundamental na forma como eu conduzi minha vida naqueles anos, como conduzi meu casamento, como conduzi minha relação com os amigos, como eu conduzi minha relação com o consumo... Até hoje eu não compro a prazo, por exemplo. Até hoje eu não aceito esse sistema que te obriga a ficar preso a um emprego cumprindo horário, a um papel, a cargos, coisas que não somos nós [risadas, apontando para nós duas], por conta de um

cartão de crédito que você está sempre jogando pra frente o dinheiro que você vai gastar, portanto, que você é obrigado a ganhar. E eu até hoje me recuso a isso. E por conta disso eu pude viver daquilo que eu amo fazer, que é a poesia.<sup>5</sup>

A *literatura marginal*, construída a partir desse contexto eufórico de grandes movimentos sociais e culturais, foi usada para que as ideias de contestação a um sistema opressor pudessem se propagar, era uma forma de denúncia contra o governo. Com medo de sofrerem alguma repressão do AI-5<sup>6</sup> muitos escritores, para manterem suas obras circulando, usavam nomes falsos ou anônimos, para não serem identificados e assim, não sofrerem nenhuma punição. Porém, essas questões implicavam na qualidade do que era publicado. A *literatura marginal* dos anos 70 tinha assim um papel contestatório a um sistema que estava ali para afrontar. Simbolicamente ou jornalisticamente os escritores encaminhavam seu trabalho a delatar, mas nem sempre se atentando ao leitor, enfatizo mais uma vez, a qualidade do que estava sendo escrito era comprometida por conta dessa repressão. Segundo o artigo de Paloma Vidal intitulado “*Literatura e ditadura: alguns recortes*”, a autora afirma que, ao deslocar o foco da literatura para a informação, tende-se a abrir mão da pluralidade de sentidos em nome de um quadro unificador da realidade, e a linguagem passa a ser apenas um meio de se chegar ao fato; E que o maior desafio dessa literatura engajada havia sido transmitir uma mensagem política sem se render ao maniqueísmo.

Uma fase neo-romântica contagiou esse período e proporcionou às pessoas novidades como o pacifismo, a liberalidade no pansexualismo, o orientalismo, a ecologia, as drogas alucinógenas e também o movimento feminista. Todas elas, manifestações de contracultura que afrontavam os padrões impostos pela sociedade. Alice e Paulo Leminski, inseridos nesse contexto, cederam às influências concreto-líricas de Donald Keene (1977) e Haroldo de Campos (2004), para quem as idéias poéticas são mais bem expressas por imagens concretas que por comentários. Nessa mesma coordenada, o método ideográfico – originalmente utilizado por Ezra Pound (1990), como um dos pilares de seu método crítico, derivado de sua própria poesia e dos estudos de Einstein – era uma das peças principais daquela estética vanguardista que então se mostrava como novo reflexo multivocal dos conceitos e linhas estéticas (CRUZ; TINOCO, 2012):

basta um galhinho  
e vira trapezista  
o passarinho<sup>7</sup>

Diante do caos da ditadura no Brasil, Leminski e Ruiz desafiavam o regime de diversas formas, inclusive através de histórias em quadrinhos pornográficos, em 1978. Após 35 anos, essas histórias estão reunidas na coletânea “Afrodite” quadrinhos eróticos, em uma edição organizada por Worney Almeida de Souza para a “Veneta”, são 24 narrativas, ilustradas por vários artistas, que utilizaram diversos gêneros como temas nas ilustrações: do terror à mitologia, do fantástico ao humorístico. A publicação foi viabilizada pela extinta, editora Grafipar no fim década de 70. O único título não erótico da editora era a revista “Atenção”, Alice quem a escrevia também. A revista “Eros”, que tinha como público alvo homens, logo gerou uma opositora fiel: a “Rose”, que se intitulava a “revista que tira a roupa dos homens e informa as mulheres”.

<sup>5</sup> Alice Ruiz em entrevista concedida à Ana Carolina Murgel, em São Paulo no dia 11 de abril de 2006.

<sup>6</sup> O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

<sup>7</sup> Conversa de passarinhos, p. 19

Tudo na revista Rose tinha especial preocupação com a conscientização da mulher, em todas as questões. Todas as pautas de matérias eram amplamente discutidas pelas três mulheres que tocavam a revista, Ligia, Ana e eu, para informar e esclarecer a condição feminina em nossa sociedade. Mas sempre com o cuidado de não tornar didático, excessivamente teórico. A HQ, que é naturalmente mais lúdica, tinha a função de falar das questões comuns a todas com certo humor, mais leveza, e muitas vezes isso se dava invertendo os papéis, como uma forma de ironia.<sup>8</sup>

Navalhanaliga, expressão que dá título a um dos trabalhos mais fundamentais sobre a poesia de Alice e o comportamento do período, foi o primeiro livro publicado pela poeta curitibana, em 1980. Nas páginas do livro incomum, quadricular de capa vermelha, são descritas realidades da época, mescladas com o psicodélico e com a agitação do pensamento, através de poemas curtos, cômicos e afiados com o toque da literatura marginal, ainda pouco explorada pela crítica nos anos 70, Alice produz uma obra claramente influenciada por esse contexto conturbado e inovador em que a literatura brasileira se encontrava. Apreendem-se estas características em poemas tais como: “*que viagem/ ficar aqui/ parada*”; onde o psicodelismo está marcado. “*Nada na barriga/ navalha na liga/ valha*”, onde há o chamamento à consciência das mulheres e o reforço aos direitos das minorias, “*Se eu fizer poesia/ com tua miséria/ ainda te falta pão/ pra mim não*”, há, neste último exemplo, um pensamento em relação à delicada relação da sociedade com a arte, especialmente ao que diz respeito às classes menos favorecidas, tanto financeiramente quanto culturalmente. Alice demonstra assim a consciência que alguns poetas têm da importância e ao mesmo tempo da impotência da arte, se pensarmos nela como instrumento de transformação instantânea.

Em relação às produções literárias, Alice considera dispensável questionar se tal produção trata de destacar a literatura “feminina” como melhor ou pior que a “masculina”, é totalmente indiferente, o que importa é como se dá a construção de tal estrutura literária, interessa-lhe a *praxis* da criação. A escritora em questão tem uma percepção poética inclinada a uma reflexão, onde uma infinidade de expectativas se agarra na relação que se estabelece entre a obra e o momento histórico-cultural em que foi criada. A opção de Ruiz foi não se apegar muito às questões filosóficas que estavam relacionadas ao fato de o universo feminino sempre acabar servindo como espaço realizador das convicções do universo dos homens. Originado nesse enredo de reavaliação, mudanças tem-se:

sou uma moça polida  
levando  
uma vida lascada  
cada instante  
pinta um grilo  
por cima da minha sacada [...] <sup>9</sup>

Ao mesmo tempo em que trabalha sua composição poética com fino senso estético e aprimorada linha intelectual, Ruiz estabelece com seus versos uma relação marcada pelo lúdico, por uma inegável expressão neorromântica interposta entre a inocência e a percepção renovadora da vida, Alice escreve em impressões simples e diretas, expressões com “involuntárias” aliterações, rimas harmoniosas, vários desejos em imagens incomuns:

---

<sup>8</sup> Entrevista publicada em 25 de novembro de 2015, no Blog da Itiban.

<sup>9</sup> Navalhanaliga, p. 27

pensa e pende  
pousa e passa  
o periquito<sup>10</sup>

moça no campo  
atraindo beija-flor  
vestido florido<sup>11</sup>

primeiro verso do ano  
é pra você  
brisa que passa  
deixando marca de brasa<sup>12</sup>

gotas  
caem em golpes  
a terra sorve  
em grandes goles

chuva  
que a pele não enxuga  
lágrima  
a caminho de uma ruga

água viva  
água vulva<sup>13</sup>

Na década de 70, a produção mais efetiva da “literatura feminina”, ao lado da explosão da literatura infantil, apesar de algumas críticas, impõe-se no sentido de considerar tal produção como feminista. Alice Ruiz, nesse contexto, destaca-se como poeta preocupada com a já inevitável metamorfose sócio-histórica da relação homem-mulher, uma das marcas da época. Para ela não interessa saber se essa produção literária trata de destacar a literatura feminina como melhor ou pior que a “masculina”, mas como, no seu entender, se dá a construção de tal estrutura literária, mais que isso, interessa-lhe a *praxis* inovadora da criação poética, antes da mera exegese formatada em teorias acadêmicas que apontam, ainda que corretamente no geral, como “características femininas”, desde então, a tendência – quase obrigatória – a impregnar a palavra escrita com elementos da oralidade, da busca pela palavra fragmentada, do foco temático centrado no próprio emissor. Ruiz, além dessas tendências, pratica a simplicidade direta do texto duramente erótico, incansavelmente transgressor e corriqueiramente cotidiano.

Estabelecidos por uma ordem patriarcal, os valores como virgindade, paciência, dedicação ao lar e obediência ao marido são dados como indispensáveis para uma mulher apropriada numa época em que o sexismo impera e a mulher ainda é vista como um ser inferior ao homem. Em busca de uma desconstrução desses padrões na literatura e na realidade vivida, Ruiz não se adapta a tais determinações e toca profundamente na questão existencial da mulher, através de versos, formas e sentidos. Em entrevista concedida à Ana Carolina Murgel, em São Paulo, dia 11 de abril de 2006, Alice conta que no início dos anos 70 ela tinha um discurso feminista, mas não o praticava. Enquanto cuidava dos filhos e da casa, seu marido dava aulas em cursinhos, em decorrência disso, Ruiz percebeu que sua filha brincava de imitá-la nos afazeres

---

<sup>10</sup> Conversa de passarinhos, p. 67

<sup>11</sup> Conversa de passarinhos, p. 71

<sup>12</sup> Dois em um, p. 67

<sup>13</sup> Navalhanaliga, p. 36

domésticos, e a situação a incomodou bastante, pois não era esse o exemplo de mulher que Alice queria dar à filha, onde a mulher teria que cuidar da casa enquanto o marido trabalhava fora, isso era completamente contraditório ao discurso que ela tinha. Alice sentia uma rejeição em relação às expectativas domesticantes que limitavam as mulheres em seu tempo. Boa parte das feministas dessa geração foi influenciada a abrir sua percepção para a questão da mulher através da escritora francesa Simone de Beauvoir, ainda no início dos anos 60:

Simone de Beauvoir foi um divisor de águas na minha vida. Eu li com 18 anos e às vezes eu acho que foi ela que abriu a porta de um monte de coisas que estavam sufocando dentro de mim, o que era visto pela família como rebeldia e, na verdade, era... eu! Eu querendo me expressar, eu querendo me relacionar com o mundo de uma forma mais amorosa, mais saudável, mais justa... *Memórias de Uma Moça Bem Comportada*... Não só isso, não é, tudo o que eu podia, dali pra frente, até chegar no Segundo. Sexo. [...] Tinha caprichos, desobedecia simplesmente pelo prazer de não obedecer [...] Essas pequenas vitórias animaram-me a não considerar insuperáveis as regras, os ritos, a rotina: constituem as raízes de certo otimismo que devia sobreviver a todos os processos de domaço.

*Memórias de Uma Moça Bem Comportada* foi escrito por Beauvoir em 1958. Autobiográfico, nele Simone mostra bem as restrições da moral burguesa, e como ela se rebelava contra essas limitações, ainda muito jovem. Alice se identificou com a história de Beauvoir, afinal, ela não era a única garota a esperar muito mais do que a rotina e o tédio. Um importante acontecimento decorrido dessa ideologia feminista foi a “crise da mulher”, iniciada no século XX, que trouxe aos artistas, de ambos os sexos, inúmeros questionamentos, tais como: “qual é o novo papel da mulher frente a tudo isso?”, “Ela não perguntava por si, mesmo em silêncio, antes de todas essas mudanças?”.

No século XX, a mulher se pergunta por si mesma. Mas não o fazia antes? A mulher não se perguntava por si mesma? Não no mesmo grau, com a mesma frequência e intensidade. Cada mulher (como cada homem) se pergunta por si mesmo. (...) Mas normalmente as mulheres perguntavam cada uma para si mesma; pois, em outras épocas, dava-se por suposto o que é ser mulher; as mulheres acreditavam saber o que era ser mulher (ou o que deveria ser). (MARIAS, 1981, p. 118)

Atualmente no Brasil esse quadro está menos caótico, e Alice reconhece isso, a mulher consegue se enquadrar e se localizar, de modo geral, em um lugar de valor na sociedade. Antes ela não tinha essa consciência, era dado um padrão do que era ser mulher, e elas acreditavam e seguiam aquele molde. Hoje a informação, a quebra de padrões, os protestos, o ingresso em faculdades, levam as mulheres a uma mudança do ser feminino de “passivo” para “ativo”. Pode-se perceber esse processo de construção de si, ou como Foucault considerava “estética da existência”, como uma linha de fuga, que questiona regimes, padrões, e forma um *eu* a partir desses questionamentos. Para o filósofo, esse momento, logo após a explosão da contracultura, era efervescente, sugerindo a possibilidade de criação de novas estéticas da existência, já que os antigos valores estéticos e morais estavam sendo contestados:

A idéia de uma moral como obediência a um código de regras está desaparecendo, já desapareceu e esta ausência de moral corresponde, deve corresponder uma busca que é aquela de uma estética da existência. (Foucault, 2004, p.290)

Simples, direta, feminina e ousada. A poesia de Ruiz apresenta uma mulher que não se encaixa mais no mundo moderno e esse mundo “velho” também não cabe mais dentro dela. Os antiquados padrões levaram a uma exaustão seguida de falência da

mulher recatada e submissa, dando lugar a uma mulher com visão crítica em tudo o que a relaciona com a arte, política, sociedade e família:

não vai dar tempo  
de viver outra vida  
posso perder o trem  
pegar a viagem errada  
ficar parada  
não muda nada  
também  
pode nunca chegar  
a passagem de volta  
e meia vamos dar...<sup>14</sup>

Essa nova maneira de se perceber, no espaço, no tempo, na vida, abre espaço para reflexões em relação ao papel do homem e da mulher, em um período marcado de mudanças nas mais diversas áreas do país. Há quem pense que se trata de colocar a literatura feminina como melhor que a masculina, mas para Ruiz isso pouco importa, já que o seu interesse está mais voltado para a forma como é construída essa literatura, que antes mesmo de ser entendida, tem sua importância atribuída a quem a escreveu, independente do sexo.

#### - Versatilidade da poeta

Uma das vozes mais originais da poesia brasileira contemporânea, Alice Ruiz consegue fazer com o que o leitor se encontre em suas obras, por ser algo contemporâneo, presente em nosso dia a dia, mesmo as criações mais antigas já se faziam atuais. É uma obra coerente, inventiva, concisa, insubmissa, inovadora, imprevista, revolucionária, que choca, alegre, e faz com que repensemos os paradigmas da nossa sociedade. A poeta utiliza inúmeros recursos visuais para compor seus poemas, brinca com a forma das palavras e não segue padrões. Os temas que aborda são inúmeros, desde a simplicidade da natureza e sua beleza, à necessidade de reação contra o sistema, desde a miséria do povo, ao amor, tema este que trata muitas vezes com disfarçada ironia e coloquialidade. Com relação a transpor a realidade pro papel, dirá Theodor Adorno, em *Teoria estética*, que, “segundo a teoria crítica, a simples consciência da sociedade não leva realmente além da estrutura objetiva socialmente imposta; e certamente também não a obra de arte, que, segundo as suas condições, militância, a denúncia, a revolta. Na mesma obra citada, Adorno afirma: “O objeto da arte é a obra por ele produzida, que contém em si os elementos da realidade empírica, da mesma maneira que os transpõe, decompõe e reconstrói segundo a sua própria lei”.

O primeiro livro de Alice Ruiz, *Navalhanaliga* (1980), imerso no contexto conturbado que foram os anos 70, já revelava uma voz singular, através de imagens poéticas e textos que retratavam a realidade social da época. O título do livro já se apresenta como uma forma de quebrar com os padrões, vai contra o lirismo e o sentimentalismo atribuídos antes à poesia de autoria feminina, Alice choca ao colocar no título desse livro, uma navalha, arma branca usada por garotas de programa para se defender de possíveis agressões. A poeta se nega ao romantismo e se entrega à composições de grande profundidade emocional:

não era ainda pessoa  
e já sonhava  
não é mais pessoa

---

<sup>14</sup> Dois em um, p. 42

Este poema foi criado pela poeta em homenagem ao seu filho, Miguel Ângelo Leminski, falecido com apenas nove anos de idade. Este, como vários outros poemas presentes no livro, se utiliza de recursos visuais para dar um contexto, uma composição diferenciada ao produto final, com inserção de desenhos, notas musicais, poemas figurados, a poeta consegue esse mágico resultado. Seus poemas possuem uma nítida influência do concretismo, mas, além disso, percebe-se uma vida própria, propiciada pela mente criativa de Ruiz. O poema “o ai/ quando um filho/ cai”, é também um exemplo dessa poética diferenciada, pode-se perceber de imediato o verbo virado de cabeça para baixo, um recurso visual certamente herdado do concretismo. Essa proposta pode se tratar de uma metáfora política aos tempos da ditadura, onde o verbo simboliza algum militante que “cai” nas mãos de um governo opressor, militarizado e violento, sendo o verbo utilizado no sentido de “ser pego”, “ser descoberto” ou até mesmo se referindo à morte de pessoas que infelizmente caíram nas mãos do Estado censor, logo essa obra funciona como uma forma de resistência e mais ainda de denúncia, mesmo que sutilmente. O riso se insinua primeiramente pela posição inusitada em que a autora coloca o verbo, e posteriormente pela simples cena possível do tombo de uma criança, tombo esse no sentido denotativo, mas também possuindo um sentido conotativo, onde a mãe passa por minidramas com seu filho, acompanha seu crescimento em direção à vida adulta, e nesse caminho a mãe presencia “quedas”, fracassos, que todos nós passamos, mas que as mães sentem uma profunda angustia quando presenciam tais fatos, mas incentivando sempre o filho a superar a dor e seguir adiante. Uma última leitura desse poema seria relacioná-lo à dedicatória do livro *Navalhanaliga* (1980), já mencionado anteriormente, onde a autora se colocaria no papel de mãe que perdeu um filho, e que a dor desse acontecimento seria imensurável, trazendo uma triste dimensão para análise, que não cabe mencionar.

Nesse micropoema temos duas tradições estéticas reunidas, uma oriental, através do haicai, forma poética de extrema brevidade, e uma brasileira, via poesia visual. O fato de ele ser um terceto o faz um haicai, mas, além disso, temos essa característica implícita na própria palavra nele escrita “ai/cai”. Essas duas vias estão sempre presentes em obras de Alice, seus primeiros poemas já eram haicais, apesar da autora não saber que existia essa nomenclatura. O pensamento oriental desde então está presente em sua vida e também em seus trabalhos.

O pensamento oriental nos ensina muito a ser um instrumento de poesia, quer dizer, não ficar só no intelecto, porque, na verdade, o intelecto é um empecilho para que se viva intensamente as coisas. Você pensar “eu estou feliz agora” é uma forma de conter essa felicidade para que ela não ameace o seu estado natural de falta de [risadas]. Então esse trabalho de retirar o eu das coisas, de procurar ver as coisas como elas são, independentes do nosso olhar, isto é, não ficar se colocando, porque o se colocar é antipoético. [...] Quando você consegue esse equilíbrio dentro de você, de captar a realidade com todos os seus planos de percepção e não só com o intelecto, você consegue se ausentar, consegue tirar o seu eu do que rola. Essa ausência é um estado de busca constante pra mim. Ao mesmo tempo, conseguidas essas coisas, você vira um instrumento de poesia, passa a ser permeável. [...] Tudo isso tem que ser suficientemente burilado, de tal forma que você se sinta preparado para esses momentos, para que as coisas se encaixem bem em você, como se você fosse um elemento permeável. Que você esteja pronto para a poesia passar por você e que ela já saia dentro de uma linguagem mais elaborada, mas não a elaboração artificial, mas sim a de um domínio que foi totalmente assimilado por você, como um instrumento afinado.

Essa ausência do eu se refere à ausência do ego, mas para a poeta o fazer continuaria com as marcas e o estilo de quem o escreveu. Em seus haicais, Alice

compõe poemas relacionados aos seus laços pessoais: lembranças amorosas, dedicatórias aos amigos, recordações dos filhos etc. Estes haicais são "desorientais" porque se apropriam da brevidade e densidade da poesia japonesa, porém não seguem a objetividade e a impessoalidade que essa forma tradicionalmente apresenta. Os haicais de Ruiz acontecem em seu cotidiano, nascidos da contemplação da natureza, sempre com o humor e leveza de seus traços:

mosquito morto  
sobre poemas  
asas e penas

Ou,

janela que se abre  
o gato não sabe  
se vai ou voa <sup>15</sup>

O livro *Navalhanaliga* apresenta inúmeros haicais, gênero poético que a autora vem realizando, com notável originalidade, especialmente em *Haitropicalai* (1985), feito em parceria com Paulo Leminski, *Desorientais* (1996), *Yuuca* (2004), *Jardim de haijin* (2010), além de outros livros mais recentes. Há uma composição em seu primeiro livro, com palavras escritas em branco sobre fundo negro: “elo/ entre/ olho/ e/ olho// espelho/ rebelde/ reflete/ o/ estranho”, neste poema percebe-se que a disposição tipográfica das palavras no poema remete o leitor à visualização das mesmas refletidas de forma contrária, dando um efeito espelhado, como se o espelho do próprio poema estivesse sendo representado por esse efeito visual, dando dinamicidade ao poema, pode-se pensar que há um jogo entre o espelho e o reflexo no qual o espelho “reflete o estranho”, gerando assim a incapacidade de comunicar-se com si e com o outro, o eu-lírico não se reconhece diante de sua imagem. A sonoridade é explorada através da repetição da consoante “L” (aliteração), o “E” e “O” marcam as assonâncias que contribuem para essa sonoridade. Pode-se pensar também nos labirintos visuais do barroco português e também na escrita ideográfica japonesa. Descendente da articulação intimista e humorada de Kobayashi Issa (1763-1827), os haicais de Ruiz falam sobre as estações da natureza, sobre denúncias políticas, temas que fogem muitas vezes dos que são considerados tradicionais – “*nesse país sem greve/ só o relógio/ faz o que deve*”.

Como já mencionado anteriormente, a poesia de Ruiz ressalta também diversas vezes a crise vivida pela mulher na sociedade machista na qual estão imersas, sobretudo desde o início do século passado. Introduzida no contexto estético-histórico explanado no segundo tópico desde trabalho, a produção poética de Alice Ruiz, é influenciada por inovações na literatura e no pensamento revolucionário da sociedade, que começou a querer reestabelecer padrões antes impostos e aceitos como únicos e corretos, por padrões mais igualitários que não desprezem as minorias. Quanto a esse “desvio dos paradigmas masculinos”, trata-se de uma postura assumidamente marginal, frente à norma social vigente das décadas de 70 e 80, atuando de maneira crítica em relação a um determinado cânone estético. Pode-se perceber essa fuga aos padrões pela definição de como é estar “*apaixonada//apaixotudo //apaixoquase*”.

A poeta também traz a tona o papel que é dado à mulher, hoje em dia não tão nítido, como apenas uma pessoa que cuida da casa, denominada por ela “rainha do lar”, onde a mulher está num lugar de servente e nada mais. Logo a autora consegue ironizar esse contexto com seu poema original e cheio de revolta, essa função da rainha do lar

---

<sup>15</sup> Desorientais. 1996.

está mais voltada às (suas instigantes) raivas cotidianas do que, propriamente, uma vida incrustrada em castelos-de-fadas:

alma de papoula  
lágrimas  
para as cebolas  
dez dedos de fada  
caralho  
de novo cheirando a alho<sup>16</sup>

Para Alice, essa restrição e a reclusão na vida doméstica colaboram para uma visão naturalizada das mulheres que vivem apenas essa restrita realidade, por considerarem a única realidade possível para elas, ela critica tanto essa sociedade impositora quanto as mulheres que aceitam esse redicionismo, reforçando esse estereótipo ao continuar tomando atitudes submissas e extremas, não compartilhando as tarefas com as outras pessoas que vivem no mesmo círculo social. A atenção aos filhos e ao marido é “super” menos sua vida, que é “sub”.

A mulher, que foi criada exclusivamente para procriar e educar sua ninhada, quando tem um filho, encontra toda a finalidade de sua existência. E super agasalham, super alimentam, super protegem, super mandam e super usam seu tempo, exclusivamente com a única função de sua sub vida: os filhos.<sup>17</sup>

Sob esse ponto de vista a escritora faz uma paródia do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, poema esse que atinge um nível de universalidade nítido, onde há a possibilidade de se chegar à diferentes interpretações. Drummond exhibe intimamente a condição em que se encontra o homem moderno, a solidão toma conta de sua vida, não existe mais esperanças, anseios, não existe um ponto de chegada nem de partida, o homem está inerte, contudo não se percebe a presença dos problemas também vividos pela mulher, Alice pretende então aproximar esse sujeito lírico à novos dramas, mais precisamente aos vividos no universo feminino:

e agora maria?  
o amor acabou  
a filha casou  
o filho mudou  
teu homem foi pra vida  
que tudo cria  
a fantasia  
que você sonhou  
apagou  
à luz do dia  
e agora maria?  
vai com as outras  
vai viver com a hipocondria

Na década de oitenta, é criado o poema *Drumundana*, onde Ruiz faz uma nítida crítica aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade sexista, usando uma inversão de ideias e paradoxos ela consegue chegar ao seu objetivo. A personagem

---

<sup>16</sup> Navalhanaliga.

<sup>17</sup> As mães ainda não estão em dia. Publicado no Diário do Paraná, caderno anexo, no dia 08 de maio de 2016.

“Maria” é então colocada em contraste com o “Jose”, de Drummond, Maria é uma mulher que viveu limitada por seguir os padrões femininos impostos a ela, viveu para cuidar da casa e dos filhos, sua vida ficou então apagada por esses estereótipos, não existe uma vida particular para maria, sua vida se reflete na família, e quando ela se vê sozinha, tudo acaba, sua vida não tem mais sentido, pois vivia para eles. “José” insiste em seguir em frente, mesmo com diversas limitações, “Maria” espera a morte, pois foi isso que lhe foi imposto durante toda a sua “vida”.

“E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou / e agora José? / [...] / Está sem mulher, / está sem discurso, / está sem carinho, / já não pode beber, / já não pode fumar, / cuspir já não pode, / a noite esfriou, / o dia não veio, / o bonde não veio, / o riso não veio, / não veio a utopia / e tudo acabou / e tudo fugiu / e tudo mofou, / E agora, José? [...] Se você gritasse, / se você gemesse, / se você tocasse / a valsa vienense, / se você dormisse, / se você cansasse, / se você morresse... / Mas você não morre, / você é duro, José!” (ANDRADE, Carlos Drummond, 1965. Trechos de “José”)

O tema do amor também sempre é colocado em pauta pela escritora, mas obviamente, não do modo convencional. O poema *Nefer Never* é um exemplo disso, Alice descreve a mulher de forma mais sensual, colocando-a como um ser sedutor e belo, e o amor como um sentimento tão perfeito que nunca poderá ser concretizado. A inspiração para esse poema veio de um livro "O Egípcio" de Mika Waltari, no qual uma das personagens, Nefer Nefer Nefer (em egípcio significa Tres Vezes Bela), diz ao seu amado que a perfeição do amor é nunca o realizar.

#### NEFER NEVER

nefer nefer nefer  
bela bela bela

uma nuvem talvez  
desenha  
o desejo em minha pele  
toma  
a forma do teu corpo  
e me revela

minúsculos imãs  
atraindo espaços  
pela boca seda  
pela pele rima  
pelos pelos sede

neve e fogo  
força e febre  
no movimento  
o silêncio se bebe  
e se embriaga

agora  
aqui  
no dentro do outro  
estilhaços de estrelas

pleno de si  
esse cio  
eterno início  
nunca se sacia

nunca nunca nunca  
never never never  
© Alice Ruiz  
In Dois em Um, 2008

Alice publica em 1980, *O que é a que é*, poesia que a escritora considera seu manifesto feminista. No livro há uma arte gráfica desenhada por Reynaldo Jardim, envolta por este texto transcrito abaixo, essa arte sugere um caracol, a via láctea, um círculo com uma espiral interna de onde saem as palavras do poema. Alice organizou o texto emendando frases que lia em revistas e jornais do período a trechos seus, desaprovando essas mesmas frases, criticando de forma contundente construções machistas da nossa cultura:

O que é a que é

Usada e abusada.  
Palpável mas oca.  
Amainada para mãe.  
Acusada e recusada.  
Calada e mal falada.  
Alienada e esquecida.  
Ordenada e ordenhada.  
Solicita e solicitada.  
Bordadeira e abordada.  
Afastada e sempre à mão.  
Moderada e bem adornada  
Dá a luz e vive escondida.  
Transcende em descendência.  
Mal informada forma pessoas.  
Foi vocada a não ter vocações.  
Sem necessidades, só caprichos.  
Inclinada por instinto só ao lar.  
Criticada e fadada à idade crítica.  
Econômica nada entende de Economia.  
Domingo, dia do Senhor, não descansa.  
O que no homem é estilo nela é relaxo.  
Não dá tom e dança conforme a música  
Chora quando não tem mais nada a dizer.  
Consumidora voraz é vorazmente consumida.  
É o que mais consta e o que menos se nota.  
No dicionário figura como a fêmea do homem.  
Para compreender não tem muito o que aprender.  
A melhor paisagem atrás do buraco da fechadura.  
Produce pouco porque já reproduz e isso lhe basta.  
Não precisa ser atualizada, mas deve andar na moda.  
A força que despende para ser frágil continua oculta.  
As suas tentativas de participação recebem como intromissão.  
Já que não tem responsabilidade não pode ter mau-humor.  
Tem que ser uma obra de arte que não fique para a posteridade.  
Perde tanto sangue que fica com o que se chama por aí de “sangue de barata”.  
Dócil, meiga, sutil e submissa, deixa aos homens os defeitos correspondentes.  
PRECISA-SE: TORNEIRO MECÂNICO, CONTADOR, ANALISTA DE SISTEMAS,  
ENGENHEIROS, ETC COM CAPACIDADE COMPROVADA, E DE UMA RECEPTIONISTA COM ÓTIMA APARÊNCIA.  
Pode escolher entre o céu e o inferno, mas a terra não, essa é do sexo oposto.  
Entrave para a liberdade masculina através das traves da obediência.  
Quanto mais espírito melhor, mas o futuro acaba junto com a beleza.  
Se for grande é porque está por detrás de um grande homem.  
Sempre esperando e levando a fama de se fazer esperar.  
Seu entusiasmo é chamado de assanhamento.  
Nascida para dentro aí ficará até  
que a terra coma o resto que os  
filhos e os homens deixam.

## Referências bibliográficas:

- CARNEIRO, Vinícius. *Uma vi(ra)da no sistema literário dos anos 60 aos 80: Caio Fernando, mercado editorial e cultura de massa*. Darandina Revistaeletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, v. 5, n. 3, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/artigo\\_ViniciusGon%C3%A7alvesCarneiro.pdf](http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/artigo_ViniciusGon%C3%A7alvesCarneiro.pdf)>. Acesso em 10/05/2016.
- RUIZ, Alice & REZENDE, Maria Valéria. *Conversa de passarinhos*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- DANIEL, Claudio. *A lírica imprevista de Alice Ruiz*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/a-lirica-imprevista-de-alice-ruiz>>. Acesso em: 11/05/2016.
- FERREIRA, Helder. *A sabedoria decantada de Alice*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/a-sabedoria-decantada-de-alice/>>. Acesso em: 16/05/2016.
- GASPARINI, Elio; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito – da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- GUIMARÃES, Luciene. *Zen, versos, letras de canções*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 set. 2007. Pensar, p. 2.
- ITIBAN, 2015. *Conversamos com Alice Ruiz*. Disponível em: <<https://itibancomics.wordpress.com/2015/11/25/conversamos-com-alice-ruiz/>>. Acesso em 20/05/2016.
- MARIAS, Julian. *A mulher no século XX*. São Paulo: Convivium, 1981.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. *A poética feminista em Alice Ruiz, Ledusha e Ana Cristina Cesar*, Revista Aulas (UNICAMP), v. 7, p. 1-16, 2009.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. *Alice Ruiz, Alzira Espindola, Tete Espindola e Na Ozzetti: produção musical feminina na vanguarda paulista*. 2005. 249f. Dissertação. (Mestrado em História - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP). Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?down=vtls000375893>>. Acesso em: 03/05/2016.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. *Alice Ruiz: a vida como obra de arte*. *Mnemozine* - Revista de Literatura. São Paulo, n. 3, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/MNEMOZINE3.exe>>. Acesso em: 03/05/2016.
- RUIZ, Alice. *Navalhanaliga*. Curitiba Grafipar, 1980.
- RUIZ, Alice. *Pelos Pelos*. São Paulo. Brasiliense, 1984.
- RUIZ, Alice. *Entrevista concedida pela poeta, compositora, escritora e tradutora a Jonas Soares Lana*, redator da seção de Enciclopédias do Itaú Cultural. s/l. 7 fev. 2011. [entrevista via e-mail]
- SALGUEIRO, Wilberth. *Sob a pela das palavras*. Rascunho – o jornal de literatura do Brasil. Ed. 189, Curitiba, jan. 2016. Disponível em: <[http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Rascunho\\_189\\_site.pdf](http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2016/02/Rascunho_189_site.pdf)>. Acesso 16/05/2016.
- VIANA, Rodolfo. *Livro reúne HQs eróticas de Alice Ruiz e Paulo Leminski feitas na ditadura*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1700701-livro-reune-hqs-eroticas-de-alice-ruiz-e-paulo-leminski-feitas-na-ditadura.shtml>>. Acesso em: 10/05/2016.
- VIANNA, Lúcia. *Poética Feminista – Poética da memória*. Labrys estudos feministas, 2003.

---

<sup>18</sup> “O que é a que é”. In: Navalhanaliga.